

## APRESENTAÇÃO

Este número traz relatos interessantes de personagens fundamentais da história da FAUUSP: o polêmico professor Joaquim Guedes e o mestre dos ladrilhos, Carvalhinho. O inédito depoimento de Guedes realizado em 2001 à Cristina Leme é um importante registro de algumas de suas experiências com o urbanismo até então pouco divulgadas: o estágio com Padre Lebret, o projeto para Brasília e a organização do seminário sobre reforma urbana, pelas quais é possível recuperar suas idéias diante do contexto da época e seu jeito de expressá-las, muito característico. O relato de Angela Weingärtner Becker e de Cândida Maria Vuolo sobre Antônio Carlos Alves de Carvalho – ACAC ou Carvalhinho, o histórico personagem da Vila Penteadado que conseguiu cultivar a sabedoria do processo de manufatura dos ladrilhos hidráulicos e recolher um precioso acervo que inclui peças de várias partes do Brasil, registrando também a história de uma técnica pouco conhecida pelos mais jovens.

Os 15 artigos que integram este exemplar apresentam questões levantadas por pesquisas que contemplam as distintas áreas de concentração da pós-graduação da FAUUSP. A versão para o português “*Você sempre entra por uma porta e sai por outra*” por Catherine Otondo, do texto de Anette Spiro, originalmente em alemão e com versão também em inglês, permitirá sua maior divulgação no meio brasileiro. Com base nas teorias de Collin Rowe, Spiro analisa a obra de Paulo Mendes da Rocha a partir de seus componentes constitutivos: terreno, cobertura, balanços, pilotis e suas relações no espaço, identificando princípios que constituem uma ordem próxima do classicismo, até então nunca associada à sua arquitetura. Com destaque às casas do Butantã, ao Jockey Clube de Goiânia, ao Pavilhão de Osaka, ao Mube e à loja Forma, a autora expõe sua interpretação. O texto de Ana Vaz Milheiro, *Experiências em concreto armado na África portuguesa: Influências do Brasil*, revela sua investigação sobre a relação entre a arquitetura produzida nos anos de 1950 e 1960 em Angola e Moçambique, que teve o concreto aparente como prática dominante, e a arquitetura brasileira do mesmo período. Perscrutando a obra de três arquitetos: Francisco Castro Rodrigues, Fernão Lopes Simões de Carvalho e Amâncio d’Alpoim Miranda Guedes a autora identifica a particular interpretação, de cada um deles, da arquitetura brasileira.

A *presença norte-americana na Revista Politécnica, 1905-1930* é resultado da pesquisa de Luiz Augusto Maia Costa, que constatou uma destacada presença das idéias norte-americanas sobre urbanismo nessa Revista, ampliando o leque de referências da cultura paulistana, normalmente atribuída aos países europeus, em especial França e Inglaterra. O autor confirma um quadro bem mais complexo, em que se verifica um intenso fluxo de exemplos e práticas de cidades americanas, como Nova York, Chicago, Filadélfia e Kansas City, que foram assimiladas e adaptadas pelos profissionais brasileiros às necessidades locais. *Tipologia edificatória em Sobrados e mucambos*, de Gilberto Freire, é o texto no qual Solange Aragão destaca as diferentes formas urbanas sugeridas pelos tipos de moradias predominantes na região Nordeste do país na primeira metade do século 19: o sobrado, o mucambo, a casa térrea, o sobrado de esquina, o *chalet*, o cortiço e a casa de chácara. Enquanto para Freire as diversas tipologias permitiram o estudo da sociedade brasileira, Aragão as perscruta do ponto de vista da história da arquitetura, apontando a importância da moradia como elemento fundamental na conformação do espaço e da paisagem urbana. Em *A dimensão afetiva do espaço construído: Vendo a casa pelos olhos da poesia*, Rafael Alves Pinto Junior resgata a dimensão emotiva e sensível da arquitetura que, segundo o autor, é tão indelével quanto a concretude e a materialidade do espaço, e tão perceptível quanto suas qualidades mensuráveis e físicas. Do parnasianismo de Luís Guimarães Junior ao modernismo de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles e à contemporaneidade de Adélia Prado, Ferreira Gullar e Manoel de

Barros, o texto analisa as imagens do espaço de morar por meio da poesia no Brasil. Essa investigação pelas poesias brasileiras em busca de referências à moradia abre um caminho pouco explorado a um tema recorrente da historiografia arquitetônica.

*Arquitetura e ambiente: A noção de adaptabilidade ao meio no discurso modernista*, de Telma de Barros Correia, introduz uma leitura diferenciada sobre a adaptação da arquitetura brasileira ao meio ambiente, freqüentemente atrelada às conquistas do movimento moderno, desfazendo, assim, um equívoco que vem sendo reforçado historicamente. A autora, por meio de textos de diversas áreas do conhecimento, demonstra que essa já era uma preocupação dos profissionais do século 19 e, desde os tempos coloniais, a adaptação da arquitetura ao clima tropical era assinalada como qualidade de algumas construções, não sendo, portanto, a exploração desse aspecto um ineditismo do movimento moderno. Pelo contrário, essa preocupação já estava presente nas construções jesuíticas, conforme textos de Gilberto Freire, e foi fundamental na organização do ensino de arquitetura da Academia Real de Belas Artes do Rio Janeiro, segundo seu diretor e professor Manuel Araújo Porto Alegre.

*Estrada parque, uma estratégia sustentável*, de Carlos Alberto dos Reis Conde, é um estudo para o entorno de uma estrada que cruza a serra da Cantareira, uma área de especial interesse paisagístico e ambiental por se tratar da maior floresta natural urbana do mundo dentro de uma área metropolitana. Fruto de uma pesquisa mais ampla desenvolvida para o Grupo Água no Meio Urbano, esse trabalho recupera as relações entre a urbanização e a preservação dos recursos hídricos dessa região, com o objetivo de estabelecer uma alternativa de desenvolvimento sustentável para a mesma. *Significados do urbanismo*, de Clóvis Ultramari, traz uma reflexão sobre uma pesquisa em andamento a respeito do campo do conhecimento do urbanismo e suas relações com o planejamento e o desenho urbanos, do ponto de vista epistemológico. Com base na bibliografia existente, o autor levantou as questões conceituais que envolvem a definição desse campo do conhecimento e preocupam os profissionais que planejam, administram ou pesquisam a cidade, buscando esclarecer as possíveis sobreposições entre os significados de urbanismo e suas sobreposições com as outras denominações. *Novos instrumentos de gestão urbana e regional: Santo André e o caso do Projeto Eixo Tamanduateí*, de Margarida Nobue Sakata, analisa as transformações do município de Santo André diante da nova estrutura político-econômica imposta pela globalização. Esse importante pólo industrial da área metropolitana de São Paulo, a partir da década de 1970, passou por um processo de reversão, que levou a uma articulação com os municípios vizinhos para a retomada do crescimento econômico da região, por meio do projeto conhecido como Eixo Tamanduateí, o qual introduziu uma nova forma de gestão urbana, cujo teor é analisado pela autora. Em *Direito de superfície*, Regina Célia Corrêa Landim investiga, no âmbito da legislação, as possibilidades desse instrumento urbanístico para a construção de um espaço urbano mais igualitário que possa contemplar todas as camadas da sociedade. *Políticas urbanas para o centro de São Paulo: Renovação ou reabilitação? Avaliação das propostas da Prefeitura do Município de São Paulo de 1970 a 2004*, de Eduardo Alberto Cusce Nobre, recupera oportunamente as intervenções propostas para a área central da cidade de São Paulo no âmbito do poder público e analisa as mesmas sob as tendências da erradicação e da reabilitação, temas dominantes do debate internacional que geram, quase sempre, grandes polêmicas. Após um breve comentário sobre o panorama histórico da área central e as principais intervenções das administrações municipais a partir de meados da década de 1970, o autor se detém no Programa Ação Centro, implantado em 2002 pela prefeita Marta Suplicy, tendo em vista seu abandono e sua subutilização. Com base na diversidade funcional e social da região, o programa se estruturou em oito frentes de ação, de modo a estimular as atividades de moradia, emprego, cultura, lazer, educação e representação, cuja implantação foi investigada por Nobre, o qual constatou, tal como todos os outros planos anteriores, ter sido apenas parcialmente atendido, tendo conseguido diminuir minimamente sua decadência física e a vacância imobiliária. Assim, ao longo de 30 anos

de planos e projetos não foi possível alterar as características da região. O “*Camelódromo*”, *a cidade e os fluxos globais subalternos*, de Ludmila Brandão, analisa essa nova tipologia comercial presente na maioria das grandes cidades brasileiras. Trata-se de um edifício destinado a reunir os comerciantes informais, até então espalhados pelas ruas e praças das cidades, que constitui o local não só da compra e venda de mercadoria, mas, tal como os *shopping centers* legais, os camelódromos abrigam uma multiplicidade de fluxos econômicos e, sobretudo, culturais, a partir dos quais a autora reflete sobre a questão da informalidade no espaço urbano.

Em *Representação do projeto de arquitetura: Uma breve revisão crítica*, Artur Rozestraten enfrenta um tema crucial da criação arquitetônica – a representação. A partir das idéias de Paul Valéry, Henri Focillon, Luigi Pareyson e Susan Sontag, o autor percorre questões importantes para o desenvolvimento dos projetos arquitetônicos, concluindo que a apreensão do processo de projeto é impossível em sua totalidade, pois é sempre realizada por partes, fragmentos, trechos e recortes. Para o autor, os arquitetos são privilegiados, pois são os únicos envolvidos que podem viver esse processo enquanto projetam.

O texto *Projeto de fachadas leves: Especificações de desempenho*, de Luciana Alves de Oliveira e Silvio Burrattino Melhado, é fruto de uma pesquisa de doutorado em andamento que apresenta os indicadores de desempenho necessários ao desenvolvimento das fachadas leves visando à melhor qualidade da obra com o menor custo de execução e manutenção. Segundo os autores, a fachada é um dos subsistemas mais relevantes do edifício, determinante para suas condições de habitabilidade e sustentabilidade, levando-os a estabelecer requisitos e critérios a serem priorizados e especificados nos projetos de fachadas leves para edifícios comerciais de múltiplos pavimentos, os quais são discutidos ao longo do artigo. *Acessibilidade espacial escolar em pátios para alunos com restrições visuais: A construção de um instrumento de avaliação*, de Andrea de Aguiar Kasper, Vera Lúcia Duarte do Valle Pereira e Márcia do Valle Pereira Loch, mostra-nos um conjunto de planilhas desenvolvidas como instrumento de avaliação das barreiras físicas que dificultam o uso dos pátios escolares pelos alunos com restrições visuais. Tendo como objeto de análise as escolas públicas de ensino fundamental de Florianópolis, SC, as autoras discorrem sobre as várias etapas de elaboração das planilhas, desde a identificação das características que deveriam ser verificadas nos ambientes para favorecer a acessibilidade espacial nas escolas, seu desenvolvimento e sua aplicação. A partir das análises de algumas escolas, as autoras puderam aferir a validade do instrumento proposto.

A conferência *Uma trajetória no campo do desenho industrial*, proferida pelo professor Alessandro Ventura como aula inaugural aos alunos do curso de Design da FAUUSP, resgata, por sua própria trajetória, parte da história do design brasileiro.

A revista *Pós* se solidariza à emocionada homenagem dos colegas, estudantes e amigos ao querido professor Jorge Oseki, também uma personalidade ímpar na história da FAUUSP, cuja inteligência, irrevência e gentileza serão sempre lembradas por aqueles que tiveram o prazer de com ele conviver. Tive poucas oportunidades de desfrutar de seu convívio, mas me lembro de todos os nossos encontros, os quais, por mais casuais que tenham sido, marcaram-me profundamente.

Integram ainda esta edição quatro resenhas de publicações que abordam trajetórias e problemas de grande relevância para o futuro da arquitetura: *A FAU pesquisa nos seus 60 anos*, por Eduardo A. C. Nobre; *Espaços colaterais / Colateral spaces*, por Roberto Andrés; *Educar para a sustentabilidade: Uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável*, por Rosária Ono; e *Planeta favela*, por Tom Angotti.

Boa leitura.

Mônica Junqueira de Camargo  
Editora-chefe